

# Relatos de Experiência

## Flanando na praça: narrativas fotojornalísticas da vida cotidiana

 Laene Mucci Daniel<sup>1</sup>  
Mariana Ramalho Procópio<sup>2</sup>  
Paula Fernandes Giuseppe Carvalho<sup>3</sup>  
Patrícia Novato<sup>4</sup>

### Resumo

*Flanando na praça* configura-se como uma narrativa midiática que propõe revelar o cotidiano nos espaços públicos de Viçosa. Através de fotolegendas produzidas por estudantes de jornalismo, publicadas no jornal (e *blog*) *O Instante*, os personagens e suas histórias, quase invisíveis pela sociedade e raramente pautados pela mídia, tornam-se protagonistas e viram notícia. Este artigo pretende relatar a narrativa *Flanando na praça* e discutir sobre formas de narrativas midiáticas, a partir de uma experiência jornalística.

**Palavras-chave:** Fotografia, narrativa fotográfica, praça, fotojornalismo

<sup>1</sup> Professora da disciplina Fotojornalismo na Universidade Federal de Viçosa - UFV. E-mail: laenemucci@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa - UFV. E-mail: mariana.procopio@ufv.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa - UFV. E-mail: paula.giuseppe@ufv.br

<sup>4</sup> Estudante de graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa - UFV. E-mail: patricia.meireles@ufv.br

### Resumen

*Flanando da praça* es arreglado como un midiática de relato que piensa revelar el diario en los espacios públicos de la ciudad de Viçosa. Através de fotolegendas producido por estudiantes de periodismo, divulgado en el periódico (y *blog*) *O Instante*, los caracteres y sus historias, casi invisible para la sociedad y rarely controlado para los medios de comunicación, se hacen protagonistas y vieron noticias. Este artículo planea presentar el relato *Flanando na praça* y piensa hablar de midiática de relato, de arranque de una experiencia periodística.

**Palabras clave:** Fotografía, relato fotográfico, plaza, fotoperiodismo

### Abstract

*Flanando na praça* is configured as a narrative media that intends to reveal the daily in the public spaces of Viçosa city. Thorough fhotolegends produced by journalism studentes, published in the newspaper (and *blog*) *O Instante*, the characters and their histories, almost invisible for the society and rarely ruled for the media, they become protagonists and they saw news. This article intends to tell the narrative and to discuss on forms of narratives media, starting from a journalist experience.

**Keywords:** Photography, photographic narrative, square, photojournalism

## Introdução

Na contramão da imprensa contemporânea, propondo discutir o narrar jornalístico e praticar uma diferente forma de narrativa jornalística, o *Flanando na praça* foi uma atividade proposta aos alunos da disciplina prática de Fotojornalismo, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), no segundo semestre letivo de 2012. Por 15, os futuros jornalistas estiveram nas praças de Viçosa/MG, observando, captando imagens e acontecimentos, entrevistando pessoas e apurando suas histórias. Voltar os olhos para o comum, revelar histórias em plena tarde, narrar o ordinário (aqui entendido como o corriqueiro) era o exercício proposto.

Apesar de quase não entrar nos agendamentos jornalísticos, o povo produz acontecimentos e, com eles, conflitos, cultura – fatos, falas, artes e saberes que precisam ser captados, compreendidos, narrados (...) Onde estão os sujeitos falantes do povo? (CHAPARRO, 2001 apud COSTA FILHO, 2006, p. 130)

Por trás das câmeras, futuros fotojornalistas experimentaram a construção de narrativas jornalísticas do cotidiano, diferentes do praticado até então no curso de Jornalismo e do geralmente publicado na mídia. Livres do *lead* e da pauta, os repórteres puderam experimentar um jornalismo ligado à importância do repórter ir para a rua, enxergar o “invisível” e narrar histórias interessantes. Narrar a partir do estar próximo ao público traz à tona um tipo de jornalismo inaugurado nos anos 1990 nos Estados Unidos, por iniciativa de editores e professores preocupados com a diminuição da participação cidadã na vida pública, a perda da credibilidade jornalística e, conseqüentemente, a queda na tiragem dos jornais. Esse jornalismo público, focado no cidadão, vinha propor uma reaproximação com seu público (TRAQUINA, 2001), “que não é mero consumidor de informações, que está inserido em uma sociedade democrática e tem direito de saber e participar da vida pública” (PAVEZZI, 2010, p. 23). Segundo Pavezzi, “a função do jornalismo público é estreitar as relações entre a mídia e a comunidade, para gerar confiança e credibilidade” (PAVEZZI, 2010, p. 24). Para além de ser classificada como pertencente ao jornalismo público, a narrativa *Flanando na praça*, antes de tudo, buscava, a partir do ato de flanar e do livre observar, um contato maior, um estreitamento do repórter com o cidadão comum, aquele que não é eleito pela mídia, cujas histórias, corriqueiras, não interessam.

A liberdade da narrativa jornalística abarcou o estilo do texto (legenda) e também a escolha e o registro das imagens. Guiadas pelos critérios subjetivos da emoção e do impacto, as narrativas trouxeram imagens escolhidas a partir dos conceitos de *Studim* e/ou *Punctum* (BARTHES, 1989). As fotos produzidas eram ligadas à informação (práticas e objetivas) e carregadas de, o que se vê (*Studium*), e também percebidas como o inesperado, o que se olha (*Punctum*). O registro das imagens inspirou-se em *Henri Cartier Bresson*, representante da fotografia documental nos anos 30, que afirmava que

mais importante do que a técnica era a intuição do fotógrafo para capturar o “momento decisivo” que, se perdido, não voltava mais. Dessa forma, as fotos não ficaram presas à perfeição técnica, mas foram enquadradas pela sensibilidade. Assim como as fotos de espetáculos de teatro, que, mesmo tremendo um pouco e algo desfocadas, conseguem transmitir a emoção do momento, como defende Guto Muniz, fotojornalista mineiro, em entrevista concedida ao *Jornal da Pampulha* (24/8/2012). Os critérios de noticiabilidade – escolher o que será notícia – das fotojornalísticas foram pautados principalmente pela emoção e interação do repórter com o público.

Diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema – a praça – descortinaram uma diversidade de 132 fotolegendas. Desse total, 11 foram escolhidas pelos próprios alunos e publicadas no jornal *O Instante*, versão impressa e digital (<http://oinstanteufv.blogspot.com.br/>).

A seleção das 11 fotos produzidas nas praças de Viçosa foi resultado da tentativa de unir a técnica, arte, reportagem e realidade (BARTHES, 1980), de se valer de uma consciência afetiva e sensível da designação usual, em vias de regra, do cotidiano viçosense. Na concepção de Barthes, o olhar fotográfico tem algo de paradoxal, encontrado na vida das pessoas, que separa a atenção da percepção nesse meio de análise interpretativa da banalização de imagens: “É que o olhar, ao fazer economia de visão, parece retido por algo interior” (BARTHES, 1980, p. 167).

A diversidade de olhares produziu narrativas jornalísticas em espaços públicos, a partir do estar nas ruas, sentar-se no banco das praças e flunar, assim como fez o jornalista João do Rio, com inteligência.

A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça. (...) Essas qualidades nós as conhecemos vagamente. Para compreender a psicologia da rua (...) é preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes — a arte de flunar. (RIO, p. 2, 1908)

Flunar está na simplicidade de perceber o que está ao redor, mas não está em evidência e compõe o cenário cotidiano. Contrapondo-se ao jornalismo de celebridades, ao pensamento automatizado e produtivo dos recentes modelos de narração jornalística, face às novas tecnologias, a atividade Flanando na praça representa o poder de observação desencadeado na descontração e minúcia dos detalhes que se atentam às vias públicas.

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve, afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva. Inclui. (BRUM, 2006, p. 196)

Assim como a jornalista Eliane Brum, que narra “o invisível que ninguém vê”, as narrativas fotojornalísticas “Flanando na praça” objetivaram “tornar visível” a gente comum e os fatos corriqueiros de uma cidade do interior de Minas. Para tanto, foram produzidas fotos com duas angula-

ções principais: uma focada no espaço onde foram feitos os registros, na tentativa de beirar o público com os pequenos acontecimentos do cotidiano, e outra reservada à dinâmica humanista, com personagens da vida real destacados.

Ao produzirem narrativas fotográficas baseadas no cotidiano, os alunos puderam praticar conceitos do fotojornalismo e principalmente refletir sobre o próprio ato de fotografar. Inspirados por Susan Sontag (2008), que dizia da foto como elemento unitário às múltiplas sensações que dividem fotógrafo e objeto, os estudantes tiveram a oportunidade de buscar o seu ideal de imagem, através do aperfeiçoamento constante de suas técnicas, mediadas por um lugar-comum – as praças visitadas – e o público selecionado – viçosenses e residentes da cidade: “Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento [...]” (SONTAG, 2008, p. 14).

## Métodos e técnicas

A atividade *Flanando na praça* foi elaborada em sala de aula, dividida em duas turmas práticas, subdivididas em duplas, à escolha de cada estudante. Totalizando 35 alunos na disciplina de Fotojornalismo, as 16 duplas e um trio foram para duas praças, na região central de Viçosa: Praça do Rosário e Praça Silviano Brandão. Tais praças foram escolhidas pela facilidade de acesso e por serem locais populares entre os viçosenses, atendendo ao propósito de capturar o cotidiano dos personagens e dos detalhes comuns e despercebidos. Com prazo de uma hora e trinta minutos para produção das fotografias e suas respectivas legendas, os alunos utilizaram máquinas fotográficas Nikon D90, lente 18-105 mm, e os computadores do Laboratório de Jornalismo. A edição de tamanho, cor, contraste e brilho das imagens foi permitida.

Nas aulas práticas foram feitas as fotos, sua edição e formatação das legendas. Em duas semanas de aulas práticas, cada uma das duas turmas foi para ambas as Praças anteriormente citadas e, durante o prazo estipulado, entregou quatro fotografias legendadas de cada local. As fotolegendas foram produzidas no período da tarde, das 14 às 18 horas. A orientação para a construção tanto das imagens quanto dos textos foi observar o que passa despercebido no dia a dia. Assim, o olhar dos fotógrafos devia procurar situações que estão presentes no cotidiano das praças, mas que passam despercebidas em meio à rapidez da vida. Não foi estabelecido padrão de legendas, tanto em tamanho quanto em linguagem, deixando a critério da dupla sua montagem e formatação.

Nas aulas teóricas, 11 fotos foram selecionadas entre os alunos. Com as imagens organizadas de forma anônima, em apresentações de slides, a turma escolheu, através de votação aberta, as melhores fotos, ou seja, aquelas que melhor captaram com informação e artisticamente o instante desconhecido pelo cotidiano das duas praças viçosenses fotografadas. Das 132 fotolegendas, foram selecionadas 18 – sete da Praça do Rosário e 11 da Praça Silviano Brandão – e das 18, 11 foram publicadas no jornal e blog *O Instante*.

As 11 fotolegendas escolhidas foram diagramadas no jornal *O Instante: o*

*cotidiano de Viçosa como você nunca viu*, um jornal constituído apenas por uma fotolegenda, que possui sua versão online, no formato de *blog* (<http://oinstanteufv.blogspot.com.br>) e de página na rede social *Facebook* ([http://www.facebook.com/pages/O-Instante/225890260890885?group\\_id=0](http://www.facebook.com/pages/O-Instante/225890260890885?group_id=0)). O jornal impresso, em formato A3, conforme figura 1, em preto e branco, foi distribuído pela cidade, afixado como um cartaz. Cada edição correspondente às fotos feitas numa praça gerou 11 jornais diferentes, sendo reproduzidas duas cópias de cada, portanto 22 jornais, que foram afixados em exposição no Laboratório de Comunicação da Universidade Federal de Viçosa e pontos da cidade, aos redores das praças fotografadas. O padrão escolhido para a formatação do jornal O Instante foi a diagramação da imagem seguida, embaixo, pela sua legenda. A opção pelas fotografias monocromáticas, em preto e branco, se deu devido à profundidade ao mesmo tempo dramática e sutil dada por fotos assim. Dessa forma, o instante capturado pelo fotógrafo é realçado, revelando a simplicidade do momento no cotidiano, mostrando o que passa escondido aos olhos cansados pelo desgaste da rotina urbana.

Figura 1: O jornal O Instante



Fonte: Arquivo do Curso de Jornalismo da UFV

As fotolegendas foram produzidas no mês de janeiro de 2013, como parte do segundo semestre de aulas de 2012. A atividade trouxe para os alunos uma visão diferente das narrativas fotográficas no fotojornalismo tradicional. Durante as aulas teóricas, foi estimulado o fugir do óbvio ao olho do fotógrafo, buscando o momento de narrar uma história ou de fazer com que o corriqueiro se transforme em algo importante e especial, a partir da sua revelação e publicação.

As temáticas das narrativas jornalísticas giraram em torno do corriqueiro de um local público, onde os viçosenses passam todos os dias, conforme suas rotinas, e nem sempre têm a oportunidade de desfrutar um instante sentado no banco de uma praça. Conforme visto nas figuras 2 e 3, as fotolegendas falaram de velhos, crianças e também de cachorros, estátuas, caminhos de pedras, narrando a prosa entre os senhores, o cochilo no banco, o esperar do ônibus, o brincar agitado...

Interessante observar que, ao narrar o objetivo, depois de publicado, revelam-se as subjetividades.

Figura 2: Passa o ônibus, passa a moto, passao dia...

“Deixa eu te contar uma coisa



Figura 3: Um pé atrás: permanecendo na infância, correndo contra o futuro



Foto: Paula Fernandes

Fonte: oinstanteufv.blogspot.com

O descansar dos pés (figura 5), ato ordinário e comum, reconfigura-se como ato extraordinário e privilegiado, em meio à pressa, horários e prazos.

Figura 5: Cidadão à espera: será que o ônibus chega antes de seus pés voltarem ao chão?



Foto: Andrezza Vieira.

Fonte: oinstanteufv.blogspot.com.br

A criança na cama elástica representa o paradoxo temporal do brincar acelerado, mas sem pressa. O homem e o cão (figura 6) se unem ao olhar no mesmo sentido.

Figura 6: O ponto em comum entre homem e animal, presente nos olhares que se convergem numa mesma direção



Foto: Vanessa Castro

Fonte: <http://oinstanteufv.blogspot.com.br>

As narrativas dizem muito mais do que mostram. É o caso da foto-narrativa que foi a preferida por todos que participaram da atividade. O homem deitado no banco (figura 7) revela uma sociedade frágil, desigual e desumana.

Figura 7: Na cama fria e dura da praça chamada Vida



Foto: Michael Maia

Fonte: <http://oinstanteufv.blogspot.com.br>

A praça (figura 8), local pequeno de passagem de todo dia, revela-se grande e comprida, sugerindo que não será somente numa tarde em que serão conhecidos e narrados todos os seus personagens e histórias.

Figura 8: Parece que há um caminho infinito de pedras



Foto: Jéssica Silva

Fonte: <http://oinstanteufv.blogspot.com.br>

## Considerações finais

A atividade *Flanando na praça* alcançou com êxito, do ponto de vista prático, o seu objetivo: os 34 alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa produziram 132 narrativas fotojornalísticas, a partir da observação e interação com o cotidiano de praças na cidade de Viçosa, Minas Gerais. Desse total, 11 fotolegendas foram publicadas no jornal e blog *O Instante*. Dessa forma, os alunos de Fotojornalismo puderam praticar o narrar fotográfico, em narrativas diferenciadas, diferentes do jornalismo contemporâneo, sempre apressado, que pauta fatos e personagens extraordinários. Baseados em João do Rio, repórter que produziu, a partir do flunar literário, narrativas jornalísticas da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XIX, e da repórter Eliane Brum, que narra, nos tempos de hoje, o ordinário, a “vida que ninguém vê”, os 34 alunos praticaram, efetivamente, o conceito da fotolegenda, um dos principais gêneros do fotojornalismo. Praticaram o fotojornalismo de um jeito diferente, aceitando olhar sem pressa, valorizando o até então desvalorizado. O aceite, entretanto, não foi fácil. Alguns alunos desprezaram a atividade e a cumpriram apenas porque “valia nota”. Para eles, o jornalismo é uma atividade dinâmica, que “corre contra o tempo”, que vê sem enxergar. Alguns chegaram até a dizer que a atividade proposta não poderia ser considerada fotojornalismo, atividade que para eles acontece sempre no calor do fato que acaba de acontecer. Para outros alunos, a atividade mostrou-se prazerosa, pelo seu ineditismo, já que até então não tinham praticado uma narrativa assim. Para todos, entretanto, o narrar jornalístico do *Flanando na praça* foi difícil porque sentar na praça e observar, interagir, ver o momento acontecer nas pessoas e coisas não é nada fácil para uma geração que está acostumada a fazer mil coisas ao mesmo tempo. Apesar da dificuldade, a simplicidade do dia a dia foi percebida e capturada pelos fotojornalistas. Nesse sentido o *Flanando na praça* mostrou-se como uma nova perspectiva da prática jornalística, reunindo a aprendizagem teórica e laboral da função social do jornalismo – o estar junto ao público, revelando e narrando suas histórias.

Do ponto de vista reflexivo, *Flanando na praça* permitiu a todos experimentarem uma narrativa midiática em que a fotolegenda, ao tratar do ordinário e do comum, depois de publicada e postada no jornal *O Instante*, acaba também narrando a história de cada fotojornalista. Do seu olhar, do seu afeto, do que ele escolhe narrar. O próprio ato de fotografar constitui-se um acontecimento (SONTAG, 2004), revelando novas possibilidades ao próprio fotógrafo. Ao se aproximar do acontecimento da vida diária (considerado menor), o fotojornalista amplia-o e o aproxima de si mesmo e do outro (no caso, o leitor, quem vai ver a foto). A partir dessa aproximação entre fotógrafo, objeto/fato/personagem e público, a narrativa fotográfica valoriza personagens, reconta histórias e provoca novos olhares sobre o mundo.

Assim como afirmou Buitoni (2011, p. XVI), atualmente inexitem as grandes narrativas fotográficas da grande imprensa, “sites independentes tentam combater a visão hegemônica da grande imprensa para podermos

visualizar pontos de vista distintos dos acontecimentos”. Essa visualização se faz possível pelas várias possibilidades do “fluxo contemporâneo de imagens”. É a partir daí que Flanando na praça constitui-se numa proposta de narrativa fluida, em que é possível pensar narrativas, a partir de diversos pontos de vista, e refletir sobre o abrangente campo da formação da imagem na mídia.

A narrativa *Flanando na praça* vem mostrar aos alunos, futuros fotojornalistas, que narrativas não precisam ser grandiosas para serem importantes. Que não só de grandes manchetes e reportagens vive o fotojornalista. “Se estivermos realmente decididos a enxergar não sabemos o que vamos ver. Você pode olhar o infinito (...) e descobrir que é feito de poeira de estrelas. (...) Arrisque. Ouse. Olhe” (BRUM, 2006, p. 196).

## Referências

BARTHES, Roland. *A câmera clara: nota sobre a fotografia*. 9ª ed. Trad. Júlio Castañon. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. 4ª ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BUITONI, Dulcília Helena S. *Fotografia e Jornalismo*. A informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011.

COSTA FILHO, Paulo Celestino da. Jornalismo público: por uma nova relação com os públicos. In: *Revista Organicom*, ano 3, n. 4, 2006. Disponível em <http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/viewFile/59/193> Acesso em 24/10/2011.

PAVEZZI, A. E. S. *Jornalismo Público na agência senado: uma análise da proposta de participação cívica em um portal estatal*, 2010. Disponível em [http://www.blogempublico.com/wpcontent/uploads/2011/04/2010\\_UEPG\\_AlinePavezi\\_JornalismoPublico.pdf](http://www.blogempublico.com/wpcontent/uploads/2011/04/2010_UEPG_AlinePavezi_JornalismoPublico.pdf). Acesso em 02/5/2012

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Paris: Garnier, 1908.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.